

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT02.019

# ESCOLA DO BEM VIVER: UMA EXPERIÊNCIA DO CURRÍCULO PELA DIVERSIDADE E INCLUSÃO NA PARAÍBA

Ana Paula Ferreira de Melo<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho apresenta a concepção político-pedagógica e as práticas educativas da Escola Coletiva do Bem Viver, localizada em João Pessoa, que constrói seu currículo a partir das ideias de Paulo Freire, Célestin Freinet, bell hooks, Lélia Gonzalez, Ailton Krenak e Miguel Arroyo. A escola defende uma educação inclusiva, democrática e emancipatória, que articula teoria e prática na construção coletiva do conhecimento. Seu currículo é compreendido como ato político e social, estruturado pela diversidade, pela decolonialidade e pela integração entre corpo, natureza e cultura. As práticas pedagógicas incorporam temas transversais como antirracismo, feminismo, antiespecismo, soberania alimentar, povos originários, inclusão, diversidade religiosa, arte e trabalho. A metodologia da escola se baseia em projetos e na participação ativa das crianças, que escolhem os temas de estudo e produzem coletivamente os murais de linguagem e outras atividades interdisciplinares. A formação continuada da equipe, o diálogo com as famílias e o respeito às crianças neuroatípicas consolidam uma pedagogia do cuidado, da escuta e da autonomia. A alimentação, a ecologia e a ancestralidade também são pilares do currículo, orientando práticas sustentáveis, o veganismo popular e o compromisso ético com o planeta. Assim, o Bem Viver se constitui como

1 Graduada em pedagogia pela Universidade São Marcus, mestrado em Educação pela Universidade Paris 8 - Vincennes. anapaulaferreirademelo10@gmail.com

um espaço de resistência, esperança e reencantamento do mundo por meio da educação.

**Palavras-chave:** educação inclusiva; diversidade; Freinet; Freire; currículo.

## INTRODUÇÃO

Esse texto é parte da ação e reflexão da prática educativa da Escola do Bem Viver, em João Pessoa, e das discussões sobre a estruturação do currículo a partir das ideias de Paulo Freire e Célestin Freinet. A escola precisa ter e fazer sentido na vida das crianças, assumindo como responsabilidade a construção de uma educação crítica, pensada para formar uma sociedade mais justa e igualitária. Afirmamos, com Paulo Freire, que a educação é política e, por isso, faz-se necessário explicitar as referências e as práticas que permeiam uma educação justa, criativa, curiosa e afirmativa. É nesse sentido que sublinhamos as pautas que fazem parte do currículo da escola, como o antiespecismo<sup>1</sup>, o antirracismo, a pauta LGBTQIAP+, a soberania alimentar, as questões de gênero, o feminismo, a crise climática, a inclusão, a diversidade religiosa, a arte, a família e o trabalho.

No ambiente escolar, tratamos de temas transversais que fazem parte da proposta pedagógica da Escola do Bem Viver: diversidade sexual LGBTQIA+, feminismo, veganismo popular, povos originários, antirracismo, inclusão, diversidade religiosa, família e trabalho, distribuídos ao longo do ano letivo. Todos esses temas são abordados de forma séria e comprometida, com uma linguagem adequada à faixa etária de cada turma. A equipe tem organizado materiais diversos – como literatura infantil, produções audiovisuais e textos –, além de convidar pesquisadores e pesquisadoras que tratam desses temas para oferecer formações que contribuam continuamente com o fortalecimento do nosso trabalho pedagógico.

## METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, fundamentada nos princípios da pesquisa participante e da pesquisa-ação. Essa escolha metodológica se justifica pela natureza coletiva e dialógica da Escola do Bem Viver, cuja prática educativa se constrói em constante diálogo entre teoria, prática e comunidade.

A investigação foi desenvolvida a partir das práticas pedagógicas, do acompanhamento de projetos educativos e da análise documental do projeto político-pedagógico da Escola do Bem Viver, dos registros de atividades e dos materiais produzidos pelas educadoras e as crianças. Além disso, foram realizadas as assembleias e as conversas informais em rodas de diálogo organizada pelas crianças e pela equipe, respeitando os princípios éticos da escuta sensível e da coautoria na produção do conhecimento.

O método se inspira nas concepções freireanas de educação libertadora, nas práticas cooperativas de Célestin Freinet e na pedagogia do cuidado e da escuta, conforme discutida por bell hooks. Assim, a metodologia não se limita a uma coleta de dados, mas constitui um processo formativo e reflexivo, em que pesquisador(a) e sujeitos da escola se reconhecem como coautores de um mesmo percurso educativo.

A análise dos dados foi conduzida por meio da interpretação crítica das narrativas, observações e registros escolares, buscando compreender como os princípios de diversidade, decolonialidade e Bem Viver se materializam nas práticas cotidianas. Esse processo analítico privilegiou a triangulação das informações e o diálogo com os referenciais teóricos, a fim de evidenciar as relações entre os fundamentos pedagógicos e as experiências vividas na escola.

## **INCLUSÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Discutir o tema da inclusão nos impele a romper com os paradigmas que sustentam a escola tradicional e a questionar os seus fundamentos educacionais. Inserida historicamente na estrutura do capital, a escola constituiu-se como instrumento de reprodução social, criando normas, padrões e modelos que atendem à funcionalidade do sistema capitalista. Tais padrões, contudo, desconsideram, de modo efetivamente inclusivo, a pluralidade das experiências humanas – sejam elas marcadas por

diferenças individuais, culturais, étnico-raciais, de classe social, gênero, orientação sexual ou perfis neurodivergentes.

Diante desse cenário, a Escola do Bem Viver assume uma postura contra-hegemônica, orientando suas práticas pela perspectiva de uma educação inclusiva, emancipatória e socialmente comprometida. Essa concepção se concretiza em ações efetivas, como a oferta de bolsas integrais (100%) destinadas a crianças negras e de baixa renda, compreendendo que não é possível discutir inclusão apenas em nível teórico – é necessário materializá-la no cotidiano escolar. A presença de crianças oriundas da periferia enriquece o ambiente educativo, ampliando as vozes, as vivências e as referências culturais que compõem a comunidade escolar. Dessa forma, a escola se consolida como um espaço real de diversidade, convivência e transformação social, comprometido com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

## A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA COMO BASE CURRICULAR

A valorização das raízes afro-brasileiras e o antirracismo constituem princípios orientadores das práticas pedagógicas cotidianas. Esse trabalho é feito com toda a escola, através do mural de linguagem e do calendário escolar de forma integrada, promove o reconhecimento e o respeito às diferenças, bem como o fortalecimento da identidade e da autoestima das crianças negras e indígenas. Dentre as atividades desenvolvidas, destaca-se a confecção coletiva de um painel afro-brasileiro, com representações de mulheres e homens negros que são símbolos de resistência, de luta contra o racismo e de superação da escravidão.

A literatura afro-brasileira e os contos africanos são desenvolvidos durante o ano, conhecendo personagens e narrativas que ampliam o repertório cultural e histórico para além da perspectiva eurocêntrica. Resgatamos histórias como: Zumbi dos Palmares, Dandara, Carolina Maria de Jesus, Antonieta de Barros, Neusa Santos, entre outros. A ideia é trazer

para o centro da escola personagens que são importantes para a construção da educação antirracista.

Músicos e compositores locais são importantes nessa construção curricular nos aproximamos de artistas locais como Clara Potiguara, Escurinho, Luana Flores, representantes da comunidade Bem Viver organizam Sarau para que as nossas crianças possam realizar atividades poéticas com elementos da literatura e da música.

Essas práticas evidenciam que a inclusão, na Escola do Bem Viver, não é tratada como um tema isolado ou pontual, mas como um princípio estruturante da proposta pedagógica. Trata-se de um compromisso ético e político com a construção de uma educação voltada à equidade, ao reconhecimento da diferença e à superação das desigualdades históricas, sociais e raciais que atravessam a realidade brasileira.

As educadoras e os educadores também tornam presente a cultura afro-brasileira através da capoeira, da música e da arte local da cidade de João Pessoa -PB, a exemplo das atividades realizadas com o cantor e compositor Escurinho.

## O CURRÍCULO COMO ATO POLÍTICO E SOCIAL

A construção do currículo da Escola do Bem Viver partiu de uma reflexão coletiva e profunda, iniciada durante o período da pandemia, quando a comunidade escolar se indagava: “Que escola queremos?”. Em 2022, o Brasil vivia um contexto de retrocessos nos direitos humanos, marcado pelo avanço do neofascismo e pelo enfraquecimento das políticas públicas. Diante desse cenário, tornou-se ainda mais necessário revisitar o pensamento de Paulo Freire, cuja obra sustenta o compromisso da escola com a educação como prática da liberdade.

Inspirados na máxima freireana de que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, compreendemos que o currículo é um ato político e social, jamais neutro, e que deve ser orientado para a formação crítica, ética e transformadora das crianças. O currículo da escola foi elaborado

como um instrumento de ação e reflexão, para que o mundo fosse compreendido a partir das experiências e da palavra das crianças, e para que elas pudessem transformar a realidade, em oposição ao neoliberalismo, à exploração humana e à destruição ambiental, reafirmando o valor da vida, da ciência e do bem comum.

A educação crítica da infância, proposta pela Escola do Bem Viver, é construída de modo coletivo e participativo, com a presença ativa das famílias em reuniões, assembleias e eventos comunitários. Práticas como o mural de linguagem materializam esse compromisso, atuando não apenas como ferramenta de letramento e alfabetização, mas também como exercício de expressão política, de autoria e de escuta coletiva.

Com base nas reflexões de Paulo Freire, Célestin Freinet, bell hooks, Lélia Gonzalez, Maria Carolina de Jesus e Ailton Krenak, a escola entende que o aprendizado da leitura e da escrita deve estar intrinsecamente ligado à compreensão crítica da realidade. Por isso, o calendário curricular é organizado em torno de temas geradores que dialogam com a vida, com o território e com os desafios contemporâneos – permitindo que as crianças desenvolvam uma consciência social, ambiental e política desde cedo.

Na Escola Coletiva do Bem Viver, inclusão, currículo e prática pedagógica não são dimensões separadas, mas partes indissociáveis de um mesmo projeto de transformação social. A escola se afirma como um espaço de aprendizagem libertadora, onde a diversidade é vivida como riqueza e a educação é compreendida como um ato de resistência e esperança.

Em diálogo com Freire, Freinet, bell hooks, Lélia Gonzalez, Maria Carolina de Jesus e Ailton Krenak, a escola reafirma que ensinar é um ato político e que o currículo deve expressar o compromisso ético com a dignidade humana, com a justiça e com o bem viver coletivo. Dessa forma, a Escola do Bem Viver se consolida como um território de afeto, diálogo e emancipação, onde a prática educativa se realiza como construção compartilhada de um outro mundo possível.

## FORMAÇÃO E CURRÍCULO

Desde a criação da Escola do Bem Viver, as educadoras e os educadores têm buscado formações coletivas voltadas à inclusão, compreendendo que, para consolidar uma escola verdadeiramente inclusiva, é fundamental contar com um corpo docente bem-preparado, crítico e comprometido com o trabalho coletivo de conscientização. A formação continuada se configura, portanto, como um eixo estruturante da prática pedagógica, em que a reflexão sobre o fazer docente é constantemente alimentada pelo diálogo e pela troca de conhecimentos.

Nesse processo formativo, também se evidencia a importância da integração curricular com as atividades extracurriculares, como a capoeira, a musicalização, o kung fu e as artes, práticas que contribuem para o desenvolvimento integral das crianças, articulando corpo, mente, cultura e identidade. A cada quinze dias, as educadoras e os educadores da escola se reúnem para refletir sobre as crianças e planejar coletivamente as atividades, em um formato horizontal e cooperativo, pautado na escuta, no apoio mútuo e na construção conjunta do conhecimento pedagógico. Essa dinâmica reafirma a convicção de que o trabalho educativo se fortalece na coletividade e na prática dialógica.

Pensar a escola que queremos implica também incluir as famílias nas instâncias organizativas da escola, promovendo o diálogo permanente entre a comunidade e o corpo docente. Entre as ferramentas que viabilizam essa participação estão as assembleias gerais e a formação de comissões temáticas, que permitem uma gestão democrática e participativa dos processos escolares. Assim, a tomada de decisões é compartilhada, e o pertencimento à escola se amplia para toda a comunidade educativa.

Ao refletirmos sobre o conceito de inclusão, somos conduzidos a uma pergunta essencial: que escola queremos para nossas crianças e que seres humanos desejamos formar para uma sociedade justa? Nessa perspectiva, o sentido de inclusão ganha centralidade na elaboração do currículo, que passa a ser concebido como espaço de acolhimento e valorização

da diversidade social e cultural. Os diversos conteúdos curriculares são, então, orientados pela ótica da inclusão, da equidade e do respeito às diferenças, ensinando desde cedo o reconhecimento do outro como sujeito de direitos.

Desse modo, o currículo da Escola do Bem Viver assume a inclusão e a diversidade como temas transversais e estruturantes, fundamentais para a construção de uma educação crítica, transformadora e democrática, comprometida com a dignidade humana e a justiça social.

Conforme sustenta Miguel Arroyo

*Toda a prática educativa adquire novas significações se reconhecidas os(as) educandos(as) como sujeitos ativos, afirmativos, de direitos e não destinatários agradecidos. O direito à educação se amplia para além do domínio de competências e habilidades. O direito ao conhecimento se aprofunda para além de noções elementares de ciência e nos obriga a tentar dar conta das grandes questões que levam sobre a vida, o espaço, a sobrevivência, sobre o indigno sobreviver de que são vítimas como membros de coletivos sociais, étnico-raciais, dos campos e periferias. Nos obriga a dar destaques a suas ações, resistências, afirmações como sujeitos de direitos. (ARROYO, 2023, p. 256-257)*

Partindo dessa concepção, compreendemos que elaborar um currículo inclusivo significa pensar na formação social dos sujeitos, de modo que possam, desde a infância, construir práticas e valores orientados à transformação do mundo. A escola, nesse sentido, deve criar espaços pedagógicos que valorizem os sujeitos em sua pluralidade e múltiplos pertencimentos, reconhecendo que o ser humano se constitui na relação com o outro.

As crianças precisam aprender a ser, e isso só é possível quando são efetivamente reconhecidas em sua singularidade e em sua potência coletiva. Assim, o desafio que se impõe à Escola do Bem Viver é o de tecer uma educação de integração e solidariedade, em que todos – crianças, famílias, docentes e funcionários – sejam coautores de uma escola coletiva, diversa e viva.

## IMERSÃO DAS CRIANÇAS NOS TEMAS DE ESTUDOS E METODOLOGIA

A participação ativa das crianças é um princípio central da proposta metodológica da Escola Coletiva do Bem Viver. Acreditamos que o aprendizado acontece de forma mais significativa quando as crianças participam integrativamente dos processos de construção do conhecimento – envolvendo-se nas escolhas dos temas, na produção dos materiais, nas atividades e nas brincadeiras. Essa prática metodológica, inspirada nas pedagogias freireana e freinetiana, valoriza a autonomia, a escuta, o diálogo e o sentido coletivo da aprendizagem.

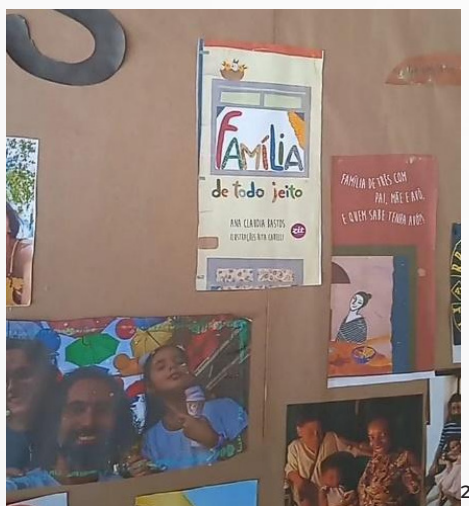
No que se refere à participação das crianças no desenvolvimento dos temas de estudo, temos alcançado resultados muito positivos. As crianças do 1º ano, por exemplo, participaram ativamente da escolha dos temas a serem trabalhados no semestre. O processo teve início com uma pergunta simples e potente: “O que vocês querem aprender?”.

Reunidas em roda, as crianças refletiram sobre seus interesses e curiosidades, e a partir dessas trocas foram definidos os temas: florestas, animais aquáticos, línguas, Egito e gatos. Essa metodologia fortalece o protagonismo infantil e a aprendizagem significativa, pois reconhece a curiosidade natural da criança como ponto de partida para a construção do conhecimento.

Outro exemplo dessa prática é o mural temático “Dos Povos Originários”, desenvolvido coletivamente, em que as crianças, famílias e educadores discutiram ancestralidades, raízes culturais e identidades. Essa proposta pedagógica visa descolonizar pensamentos e práticas ainda enraizados na sociedade, promovendo um processo de formação coletiva que envolve toda a comunidade escolar. Assim, o espaço da escola torna-se também um lugar de conscientização e transformação social, no qual se aprende a valorizar a diversidade e a história dos povos que compõem o território brasileiro.

A escola compreende que discutir dialogicamente a realidade social é um movimento fundamental da prática educacional libertadora, conforme ensina Paulo Freire. Para isso, um dos instrumentos metodológicos mais significativos é a elaboração e exibição dos murais temáticos. Todos os meses, as turmas participam da criação de um “Mural de Linguagens”, elaborado coletivamente a partir de temas geradores. Esses temas são escolhidos de modo a provocar reflexões sobre o mundo e sobre as vivências das crianças, promovendo interdisciplinaridade e expressão criativa. Cada mural é resultado de um processo dialógico entre educadores e educandas/os, no qual as crianças são produtoras de cultura, de conhecimento e de sentido

Essa metodologia se ancora na compreensão de que aprender é um ato político, social e estético, e que o papel da escola é estimular a curiosidade, o questionamento e a invenção. Assim, o fazer pedagógico da Escola do Bem Viver se consolida como uma prática emancipatória e colaborativa, que reconhece a criança como sujeito ativo de sua própria aprendizagem e como participante essencial na construção do bem viver coletivo.



- 2 Mural que discute o tema “Famílias de todo jeito”
- 3 Trabalho sobre identidade

Relacionar os diversos problemas do mundo entre si e com as percepções e experiências dos educandos constitui um dos fundamentos centrais da educação inclusiva para a diversidade. Essa perspectiva rompe com o ensino fragmentado e abstrato, propondo uma prática pedagógica que articula o local e o global, o individual e o coletivo, o vivido e o aprendido.

Ao trazer para o centro da sala de aula questões contemporâneas e urgentes, como o desmatamento, a insegurança alimentar que atinge as populações mais vulneráveis e a desigualdade de gênero, a escola propõe que esses problemas sejam compreendidos à luz da experiência concreta dos educandos. Dessa forma, tais temas são abordados não apenas como conteúdos, mas como situações existenciais, que mobilizam a reflexão, o diálogo e a construção de sentidos compartilhados.

Essas discussões ocorrem por meio de diálogos problematizadores, método essencial da pedagogia de Paulo Freire, que entende o ato educativo como um processo de conscientização e libertação. Nesse sentido, problematizar significa abrir espaço para que as crianças e os educadores leiam criticamente o mundo, desvendando as contradições da realidade e reconhecendo-se como sujeitos capazes de transformá-la.

Relacionar os diversos problemas do mundo entre si e com as percepções e experiências dos educandos é um dos fundamentos da educação inclusiva para a diversidade. Com isso, abarcamos problemas mundiais como o desmatamento, a falta de alimento para as pessoas mais pobres ou a desigualdade de gênero situando-os no contexto prático e reflexivo dos educandos, por meio de diálogos problematizadores. Problematizar significa que “é exatamente em suas relações dialéticas com a realidade que iremos discutir a educação como um processo de constante libertação do homem” (FREIRE, 1985, pág. 75).



## O QUE QUEREMOS NESSE CURRÍCULO DA ESCOLA DO BEM VIVER

A Escola do Bem Viver propõe um currículo vivo, político e significativo, que promova a construção humana em diálogo com o mundo e com as experiências das crianças. Um currículo que nasce das relações democráticas e inclusivas, fundamentado na curiosidade, na liberdade e no brincar como práticas de formação integral.

### 1. UM CURRÍCULO POLÍTICO E HUMANO

A urgência de um currículo que aborde pautas políticas e significativas está na necessidade de uma educação comprometida com a transformação social e com a construção de sujeitos críticos e solidários.

---

4 Turma do 1º ano, 2022 na Mata Atlântica

Para tanto, a Escola do Bem Viver constrói uma proposta pedagógica que articula teoria e prática, respeitando a linguagem e o desenvolvimento das crianças. A formação continuada da equipe – com profissionais de diversas áreas – tem possibilitado reflexões e práticas sobre temas como diversidade, inclusão, feminismo, antirracismo e direitos humanos.

Segundo Arroyo (2013, p.133). “o aprender é uma expressão da condição humana à procura dos sentidos, contraditórios, vivos, até dolorosos da experiência humana.” Essa concepção orienta nossa prática pedagógica: o aprendizado é sempre situado, relacional e construído coletivamente.

## 2. METODOLOGIA DE PROJETOS E AUTONOMIA

A metodologia de projetos foi inspirada nas experiências da Escola dos Sonhos e da Escola Curumim, e consolidada no Bem Viver como eixo estruturante do currículo.

Os projetos nascem das curiosidades e perguntas das crianças, sendo desenvolvidos em conjunto com educadoras e educadores. Chamamos de trilhas as perguntas que guiam cada projeto – elas conduzem o grupo à pesquisa, à descoberta e à elaboração coletiva de saberes.

Dessa forma, o currículo se constrói em movimento, promovendo autonomia, investigação e cooperação. Em reuniões pedagógicas, o corpo docente acompanha o desenvolvimento de cada criança, considerando as fases de aprendizagem e os campos de experiência previstos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

## 3. UMA ESCOLA DO BRINCAR

Na Educação Infantil do Bem Viver, o brincar é central. As crianças exploram o pátio, a areia, as plantas, a argila, a água e a tinta; correm, se sujam, inventam histórias e se relacionam com a natureza e entre si.

Inspirados por Walter Benjamin, Jorge Larrosa e Célestin Freinet, compreendemos o brincar como experiência formadora. Para Freinet,

o brincar, quando levado a sério, é um verdadeiro trabalho – uma ação humana que transforma a realidade e o sujeito que a realiza.

Contudo, vivemos em uma sociedade marcada pela aceleração e pela superficialidade das experiências. Como observa Larrosa (2002, p.23):

“Tudo o que ocorre passa demasiadamente depressa. [...] A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade impedem a conexão significativa entre eles.”

É nesse contexto que o Bem Viver reafirma a necessidade de resgatar o tempo da infância, garantindo às crianças o direito de brincar livremente, experimentar o mundo e viver a alegria de aprender com o corpo, o gesto e a imaginação.

Resistir às formas de educação que restringem o brincar é um ato político. Brincar é educar-se na liberdade, no cuidado e na criação.

#### 4. AUTONOMIA E INCLUSÃO

A inclusão é um princípio fundador da Escola do Bem Viver. Todas as turmas têm crianças neuro atípicas que participam plenamente das brincadeiras, dos projetos e das decisões cotidianas.

Nosso trabalho parte da não diferenciação: todas as crianças são respeitadas em sua singularidade e convivem em um ambiente de cooperação e empatia. A interação entre crianças de diferentes idades – especialmente nos momentos de brincadeira livre – promove a socialização, o cuidado mútuo e a autonomia.

Com o acompanhamento da equipe pedagógica e da psicóloga da escola, o brincar coletivo tem se mostrado uma potente ferramenta de inclusão. As crianças aprendem a se ajudar, a partilhar afetos e a compreender que todos pertencem ao mesmo espaço educativo.

Essa prática está em consonância com os princípios da pedagogia Freinet, que valoriza o apoio mútuo e o trabalho cooperativo como fundamentos da aprendizagem.

## 5. DESENVOLVIMENTO DOS PROJETOS E INTEGRAÇÃO COM A BNCC

Os projetos desenvolvidos pela escola articulam os temas de interesse das crianças aos campos de experiência e áreas do conhecimento da BNCC, de forma interdisciplinar e contextualizada.

As trilhas de pesquisa incentivam a construção da linguagem oral e escrita, do pensamento científico, artístico e matemático, permitindo que cada criança seja autora do seu percurso formativo.

Assim, o currículo do Bem Viver é rigoroso e afetivo, político e sensível, planejado e espontâneo. Ele se faz no encontro entre o desejo de aprender e o direito de viver a infância em sua plenitude.

### DECOLONIZAÇÃO E MEIO AMBIENTE

Outro tema importante e que é parte do currículo da escola é a descolonização e o meio ambiente discutidos a partir dos povos originários no território brasileiro e dos povos afro-brasileiros. Sobre os quais os costumes, a alimentação desses povos, sua cultura de um modo geral é pensada a partir da perspectiva da sua resistência desses povos desde a colonização europeia no Brasil. Não são, apenas, seres que vivem segundo a natureza, mas seres que resistiram e resistem, ensinando aos colonizadores, princípios de respeito à natureza. Nessa nossa época em que este tema se torna cada vez mais candente, de afirmação política da ecologia face à destruição capitalista do meio ambiente e do planeta, os indígenas são os principais educadores do modo de viver sustentável e solidário.

Do ponto de vista cultural e social a escola busca aprender e retomar elementos que nos foram negados durante o processo histórico de formação da sociedade brasileira, como conhecimento sobre ancestralidade, as religiões de matriz africana e indígenas, os saberes alimentares e práticas de cura.

Nesse mesmo sentido, valorizamos os movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que nos ensina

sobre a luta agrária, a soberania alimentar e o direito à terra. Ao optarmos por incluir esses estudos em nosso currículo, reafirmamos um compromisso coletivo e social, voltado especialmente para as nossas crianças e para a construção de uma educação crítica e transformadora.

Essa abordagem parte do princípio de que iremos trabalhar geografia, história, literatura, português e ciência no movimento complexo do real que interliga os diversos conhecimentos e saberes.

Nesta perspectiva, e buscando integrar as cosmovisões e ancestralidades originárias à consciência planetária, as crianças da escola já conheceram a região de Jacarapé, explorando o mangue, a praia e a floresta. Também visitaram o Jardim Botânico e participaram de uma vivência na Floresta da Restinga de Cabedelo, acompanhadas por uma educadora ecologista e um professor de geografia.

As crianças do Bem Viver aprendem na prática sobre diversos aspectos relacionados ao meio ambiente, compreendendo que o aprender é também um ato de pertencimento e cuidado com a Terra. A proposta deste currículo é aproximar as crianças e suas famílias do conceito de Bem Viver, entendido como um caminho coletivo de busca por um outro mundo possível – um mundo pautado na solidariedade, no respeito à natureza e na convivência harmônica entre todos os seres.

Torna-se, portanto, necessário e urgente pensar em outro modelo de educação, que prepare para um novo modo de existir: consumir menos, fortalecer as comunidades tradicionais, valorizar uma alimentação vinda da terra e menos industrializada, e olhar para as plantas e os animais sob uma perspectiva ecológica e antiespecista. Afinal, sem a natureza, não há vida humana possível..

Temos algumas referências que norteiam as bases filosóficas dessa discussão sobre o habitar humano e o equilíbrio planetário. Uma delas é o texto “O Bem Viver”, de Alberto Acosta, que problematiza e apresenta reflexões fundamentais para pensarmos os caminhos possíveis diante de um planeta cada vez mais devastado pela ação humana. A partir de sua obra, compreendemos o Bem Viver não apenas como uma alternativa ao

modelo civilizatório capitalista, mas como uma proposta ética, política e ecológica de reorganização da vida em comunidade, pautada no respeito à natureza e nas sabedorias ancestrais dos povos latino-americanos.

Diante dos estudos teóricos e filosóficos, a escola tem dialogado em uma perspectiva decolonial, compreendendo, a partir do pensamento do Ailton Krenak, os impactos profundos causados pela humanidade sobre o planeta.

No tal capitaloceno<sup>5</sup> que estamos experimentando, não restará nenhum lugar da Terra que não seja como o corpo desse rio, assolado pela lama. Ela alcançará todos os recantos do planeta, assim como os polímeros e os microplásticos alcançam a barriga de cada peixe no oceano. (KRENAK, pág. 36, 2022)

Essa reflexão convoca a educação a repensar seu papel diante da destruição ambiental e da desconexão humana com a Terra, chamando atenção para a urgência de reencantar o mundo por meio do respeito à natureza e às cosmologias originárias.

As palavras de Ailton Krenak nos convidam a refletir com profundidade sobre o caminho que estamos trilhando enquanto humanidade. Inspirados por esse pensamento, escolhemos, nesta escola, fazer uma educação voltada para o futuro – uma educação que cria possibilidades de sentido para a vida, que desperta uma consciência ecológica e que ensina às crianças as responsabilidades que temos com a natureza e com todos os seres que compartilham o planeta.

A partir das literaturas indígenas, voltamos nosso olhar também para a arte, as diversas etnias, as palavras de origem indígena presentes em nosso cotidiano, e para a riqueza das formas de vida desses povos, reconhecendo sua importância fundamental para a preservação dos biomas e para a continuidade da vida. Ao trazer essas vozes para o centro do currí-

5 O termo capitaloceno é utilizado por autores como **Jason W. Moore** para designar a era geológica marcada pela ação destrutiva do **capitalismo global**, que transforma a natureza em mercadoria e intensifica as desigualdades socioambientais. Diferentemente do antropoceno, o termo destaca que não é a humanidade em geral, mas o sistema capitalista que produz a crise planetária.

culo, a escola reafirma seu compromisso com uma educação que valoriza a ancestralidade, a diversidade cultural e o Bem Viver.

## ALIMENTAÇÃO É BASE DO CURRÍCULO BEM VIVER

A alimentação ocupa um lugar central no currículo da Escola do Bem Viver, sendo compreendida como parte essencial da formação humana e das relações que estabelecemos com o planeta. A escola cuida da alimentação relacionando-a aos temas da soberania alimentar e da preservação ambiental, articulando saberes sobre agricultura familiar, agroecologia e práticas alimentares sustentáveis.

O conceito de alimentação é trabalhado de forma ampliada, abordando o que realmente é necessário para estar bem e como nossas escolhas alimentares podem reduzir os impactos ambientais. Desde a sua fundação, a escola optou por ser uma instituição vegana, em diálogo com o veganismo popular, reconhecendo o impacto ambiental e ético do consumo de carne e buscando práticas que respeitem todos os seres vivos e os ciclos da natureza.

Compreendemos, no entanto, que criticar o colonialismo por si só não basta. É preciso transformar radicalmente nossa postura diante da visão de mundo colonial e capitalista, ainda presente na educação e no cotidiano. O compromisso pedagógico da escola é o de construir alternativas coletivas a esse modelo, combatendo o individualismo, o consumismo e as formas de vida que sustentam a exploração ambiental e social.

Pontos importantes são mostrados durante o conteúdo mensal para as crianças: os povos originários consomem menos, cuidam das florestas, lutam pela biodiversidade, lutam pelos seus direitos de sobrevivência partindo do pressuposto de que a vida só será possível na terra se mudarmos a nossa maneira de viver.

## O QUE QUEREMOS NESSE CURRÍCULO DA ESCOLA DO BEM VIVER?

A urgência de uma educação revolucionária que as pautas sejam políticas e significativas para a construção humana. precisa ter uma proposta pedagógica significativa e com um bom material pedagógico para que esse currículo possa mergulhar nas práticas que serão elaboradas e pensadas de acordo com a linguagem e o desenvolvimento das crianças. Nesse mesmo propósito a escola vem tendo formações ao longo do ano com pessoas das diversas áreas para podermos abordar os temas que achamos importantes e que citamos ao longo do artigo.

Para Arroyo, “O aprender é uma expressão da condição humana à procura dos sentidos, contraditórios, vivos, até dolorosos da experiência humana.” (pág.133, 2013) Nesse sentido as ações têm seus sujeitos sejam eles ativos ou passivos. E nesse aprendizado a metodologia de projeto que temos desenvolvido é pensada a partir da curiosidade das crianças e desenvolvida em conjunto com as educadoras e educadores da escola. As trilhas são organizadas a partir de questões colocadas pelas crianças sobre o que elas querem descobrir do tema escolhido.

A escolha de trabalhar com projetos está sendo construída a partir do contato e das formações realizadas com a Escola dos Sonhos desde 2020 e foi também inspirada no trabalho da Escola Curumim. Para atuar com os projetos no currículo a escolar tem uma ação política no sentido democrático e também coerente com a X aprendizagem das crianças.

Temos um olhar sensível e atento para o desenvolvimento de cada criança nos seus projetos. Em cada reunião com as educadoras e educadores nós discutimos o desempenho de cada criança, tendo em vista as dificuldades e os avanços. Para isso temos estudado a fundo as fases de aprendizagem por idade, relacionadas as Bases Curriculares

## PRÁTICAS INCLUSIVAS E ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA ESCOLA DO BEM VIVER

As crianças atípicas estão integradas ao cotidiano da escola de duas maneiras complementares. A primeira diz respeito ao contexto social da escola, no qual todas as crianças convivem nos mesmos espaços, compartilhando experiências, brincadeiras e momentos de aprendizagem. A segunda forma de integração ocorre nas atividades pedagógicas planejadas para o desenvolvimento cognitivo, em que educadoras, educadores e a equipe geral da escola se envolvem nas demandas específicas identificadas para cada criança e colaboram para o seu acompanhamento e inclusão efetiva.

Compreendemos que, como afirmam Ropoli, Mantoan, Santos e Machado (2010, p. 9), “a escola comum se torna inclusiva quando reconhece as diferenças dos alunos diante do processo educativo e busca a participação e o progresso de todos, adotando novas práticas pedagógicas”. Assim, as atividades são planejadas de acordo com os temas propostos pelas próprias crianças e pelas educadoras, favorecendo a participação ativa e a compreensão significativa dos conteúdos.

Acreditamos na importância das múltiplas linguagens de aprendizagem, entre elas o brincar, que envolve todas as crianças e constitui parte essencial do processo educativo. O brincar não se separa do ensino, mas se integra organicamente ao processo de ensino-aprendizagem. Como exemplo, destacamos atividades de Ciências da Natureza e de Astronomia, nas quais o brincar se entrelaça aos conteúdos, permitindo que as crianças participem da elaboração criativa do conhecimento junto aos profissionais da educação.

Temos consciência de que a inclusão é um compromisso coletivo, que envolve todas as crianças, a equipe escolar e as famílias – participantes fundamentais no processo de acolhimento, aprendizagem e construção compartilhada da nossa escola.

Para tanto, faz-se necessária uma discussão constante sobre as diferenças e uma abertura sensível ao conhecimento profundo da diversidade humana presente no ambiente escolar. Reconhecemos as inúmeras dificuldades em abordar as questões relacionadas às crianças neuroatípicas, pois ainda vivemos em uma sociedade excludente e desinformada sobre esses sujeitos. Além disso, o diálogo com as famílias pode apresentar desafios, o que reforça a importância de oferecer apoio integral às famílias no processo de inclusão.

Antes mesmo da escolha do espaço físico, a equipe do Bem Viver já discutia práticas metodológicas voltadas para o acolhimento das crianças atípicas, reconhecendo-as a partir de suas diferenças, potencialidades e desafios. Assim, tornou-se necessário ampliar portas, adaptar mobiliários e pensar em mesas e cadeiras que pudessem realmente acolher todas as crianças, de diferentes faixas etárias e necessidades.

Com isso, surgiram novos desafios, como garantir a organização e a dinâmica dos usos dos espaços, dentro de uma proposta pedagógica que se fundamenta na compreensão ampla e na inclusão plena. Em um ambiente em que as salas são abertas, é natural que a criança atípica circule com mais liberdade, o que exige flexibilidade no ritmo e na programação das atividades pedagógicas.

Entendemos que as salas abertas se configuram como espaços de liberdade, curiosidade e criatividade. Nelas, as crianças não precisam permanecer o tempo todo sentadas: podem circular livremente pela escola, explorando outros ambientes de aprendizagem. Há momentos em que elas podem optar por realizar as atividades em outro momento, conforme suas necessidades e interesses.

Nesse processo, a autonomia das crianças é respeitada, em consonância com o cuidado coletivo, tanto entre elas quanto entre docentes e educandos. Essa flexibilidade articulada à autonomia é potencializada pela existência de múltiplos ambientes, que permitem uma rotatividade de usos para as mais diversas atividades educativas e brincadeiras livres.

## CONCLUSÃO

A Escola do Bem Viver acredita que é possível construir uma educação coerente com os desafios éticos, sociais e ambientais do nosso tempo. Inspirada nas pedagogias críticas e nas cosmovisões ancestrais, a escola compreende que ensinar é um ato político e que o currículo deve expressar o compromisso com a vida, a justiça social e a dignidade humana.

A partir das reflexões de Freire e Freinet, a prática educativa assume a autonomia das crianças como fundamento da aprendizagem significativa. Dialogando com Krenak e Acosta, reafirma-se a urgência de um modo de educar que reconecte o humano à Terra e às suas ancestralidades, enfrentando a crise civilizatória e ecológica do capitaloceno. Nesse contexto, a inclusão não é apenas uma política, mas uma ética: todas as crianças são reconhecidas em sua singularidade, convivendo em um ambiente de cooperação, afeto e liberdade.

O currículo do Bem Viver é, portanto, um convite à transformação — de si, da escola e do mundo —, um projeto de educação revolucionária e coletiva que aposta no poder do diálogo, da curiosidade e do amor como caminhos para reinventar a humanidade. Em síntese, trata-se de uma educação do presente e para o futuro, que ensina que aprender é viver, conviver e cuidar — de si, do outro e da Terra.

## BIBLIOGRAFIA

ACOSTA, Alberto. O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016.

ARROYO, Miguel González. Currículo, território em disputa. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FREINET, Célestin. A pedagogia do trabalho: as técnicas Freinet da Escola Moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOORE, Jason W. (Org.). Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crisis of Capitalism. Oakland: PM Press, 2016.

PETERSEN, Paulo (Org.). Agricultura familiar camponesa e agroecologia: avanços a partir do Brasil. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

SHIVA, Vandana. Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PEYRONIE, Henri (coord.). Freinet, 70 ans après. Caen: Presses Universitaires de Caen, 1998.

ROPOLI, Edilene Aparecida; MANTOAN, Maria Teresa Eglér; SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos; MACHADO, Rosângela. A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: a escola comum inclusiva. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2010.